

# HUMOR, COMPORTAMENTO E CULTURA POLÍTICA NA NOVA REPÚBLICA: A REVISTA "CHICLETE COM BANANA"

HUMOR, BEHAVIOR AND POLITICAL CULTURE IN THE NEW REPUBLIC: THE MAGAZINE "CHICLETE COM BANANA"

Marcio José Melo Malta<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF)

malta.marcio@gmail.com

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é acompanhar as origens da revista *Chiclete com Banana*, publicação que teve início em São Paulo, na segunda metade dos anos 80 do século XX. Com ampla repercussão nacional, evidenciada pelo número de vendas em banca de jornal, de assinaturas e comercialização de produtos o veículo de comunicação. A revista foi um marco no gênero da produção de histórias em quadrinhos brasileira, influenciando toda uma geração de leitores e de cartunistas até os dias atuais, sendo alvo de diversas reimpressões e lançamentos de coletâneas com o material produzido à época. A revista teve duração estendida até meados dos anos 90, porém o recorte adotado neste trabalho visa analisar o momento da redemocratização e o sentimento de uma geração em relação às mudanças que estavam em processamento. Em termos metodológicos, serão trabalhadas diversas coletâneas da revista. O aporte teórico, por sua vez será constituído de autores das ciências sociais que se debruçaram não só sobre o contexto histórico e o tema em questão, mas ainda aqueles que discorreram em suas publicações acerca do fenômeno designado como pós-modernismo e suas imbricações com o modernismo.

**Palavras-chave:** Humor; Histórias em Quadrinhos; Política.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze the political behavior expressed in the second half of the 1980s in Brazil. The historical period known as the New Republic and the objective is to investigate a political culture through the analysis of the humor magazine "Chiclete com Banana". Comparisons are made with the type of humor that occurs during the fight against dictatorship, notably through the newspaper "O Pasquim" and its collaborators. The epoch is characterized by redemocratization, a period in which the humor of behavior produced forces, having emptied the collective political perspective in favor of a draw more concerned with individual and psychological nuances. A central proposal is to map the production of a new kind of political imaginary, detached from the commitment of awareness, valuing a change of costume in favor of a liberalization in personal postures.

**Keywords:** Humour; Comics; Politics.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política e cartunista, assinando sob o pseudônimo de Nico.

## **Introdução:**

O objetivo do presente trabalho é acompanhar as origens da revista *Chiclete com Banana*, publicação que teve início em São Paulo, na segunda metade dos anos 80 do século XX. Com ampla repercussão nacional, evidenciada pelo número de vendas em banca de jornal, de assinaturas e comercialização de produtos o veículo de comunicação foi um marco no gênero da produção de histórias em quadrinhos brasileira, influenciando toda uma geração de leitores e de cartunistas até os dias atuais, sendo alvo de diversas reimpressões e lançamentos de coletâneas com o material produzido à época.

A revista teve uma duração estendida até meados dos anos 90, porém o recorte adotado neste trabalho visa analisar o momento da redemocratização e o sentimento de uma geração em relação às mudanças que estavam em processamento. Em termos metodológicos, serão trabalhadas as coletâneas "Antologia Chiclete com Banana", números 1 e 2, editadas pela Devir no ano de 2000 e o número 1 de uma nova edição de 2007, da mesma editora, acrescida do selo Nova Sampa. Além disso também será utilizado o álbum "Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias de Angeli", coletânea de histórias de 1990, lançado pela chancela da parceria entre as editoras Brasiliense e o selo Circo.

O aporte teórico, por sua vez será constituído de autores que se debruçaram não só sobre o contexto histórico e o tema em questão, mas ainda aqueles que discorreram em suas publicações acerca do fenômeno designado como pós-modernismo.

Cabe destacar que o trabalho é uma espécie de prolongamento da pesquisa anterior do autor, a tese de doutorado "Um desenho da transição, a estratégia de redemocratização do cartunista Henfil através das Cartas da Mãe", que percorreu através da produção do Cartunista Henfil e suas "Cartas da mãe" o período da redemocratização.<sup>2</sup> O ano símbolo de tal estudo foi 1984, onde foi votada a emenda Dante de Oliveira, que caso tivesse sido aprovada, restauraria o voto direto no Brasil. A revista "Chiclete com Banana" surge exatamente no ano seguinte.

---

<sup>2</sup> A referida tese de doutorado foi publicada em formato de livro. Cf.: *Diretas Jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das Cartas da Mãe*. Niterói, Muiraquitã, 2012.

O cenário político do momento de lançamento da revista “Chiclete com Banana” é o da “Nova República”. A segunda metade da década de 80 assinala o período de transição do fim da ditadura para a democracia, ou redemocratização, de acordo com a terminologia adotada e será melhor desenvolvido ao longo do trabalho.

Além da introdução, a estrutura do trabalho contempla uma seção de apresentação da revista Chiclete com Banana, que contempla a apresentação dos principais colaboradores da publicação, bem como um olhar sobre a vida pregressa desses artistas. Em um item posterior são utilizados referenciais teóricos que auxiliam a compreender o fenômeno em questão, assim como um debate específico acerca do humor e seu significado. A penúltima seção, que antecede as considerações finais, reflete sobre o conservadorismo do cartunista Angeli acerca de questões de gênero e classe.

Além das contribuições teóricas já explanadas, em termos de metodologia, o trabalho irá utilizar como base principal uma série de reedições da revista “Chiclete com Banana” publicadas a partir do ano 2000.

### **A revista “Chiclete com Banana”:**

O sugestivo título “Chiclete com Banana” foi pautado na música homônima composta por Gordurinha e Almira Castilho, gravada por Jackson do Pandeiro em 1950 e regrava em 1972 por Gilberto Gil. Talvez essa referência mais próxima tenha influenciado de sobremaneira na decisão do batismo. Independente de onde veio a inspiração, o objetivo inequívoco dos editores seria a fusão de elementos brasileiros e norte-americanos, tal qual uma antropofagia *a la* Semana da Arte Moderna de 1922.

A mescla com elementos dos Estados Unidos surge desde o primeiro número da revista, datado de outubro de 1985, com o editorial intitulado “A quebrada da esquina”, o editorial do primeiro número traz um quadro onde é estampado um incauto Pato Donald, personagem do norte-americano Walt Disney prestes a virar a esquina de uma rua mal-iluminada. A sua espreita estão, prontos para a agressão, dentre outras figuras mal-encaradas, o anarco-punk Bob-Cuspe.

A ideia de "dar um pau" em uma figura da Disney não era exatamente nova, afinal Henfil por intermédio de sua turma da caatinga já sequestrara o milionário Tio Patinhas em uma de suas histórias em quadrinhos publicadas na revista "Fradim".

Abaixo da figura mencionada consta o seguinte texto, que funciona como uma apresentação, ou editorial, da revista:

O ser humano é meio panaca mesmo. Alguns engolem fogo, outros escalam o monte Everest, outros ainda deitam em cama de prego; e nós resolvemos fazer um gibi – ou seria revista? – de galhofa para galhofeiros. Dois pontos, entre outros, são difíceis nesta façanha editorial: primeiro, concorrer com o pato idiota aí de cima; e segundo, fazer galhofa num país onde ultimamente todo mundo se leva muito a sério. Não! Não vamos encher seu saco narrando as desventuras do desenhista nacional contra um bando de patos afeminados e não assumidos, pois você não comprou essa revista – ou seria gibi? – para ouvir lamúrias, e nem vamos derrubar o governo da Cisjordânia, se é que lá tem governo. Queremos com esse gibi – ou seria revista? – apenas beliscar a bunda do ser humano pra ver se a besta acorda (Antologia Chiclete com Banana, 2007, p.4).

Apesar de possuir outros colaboradores, como o desenhista gaúcho Adão Iturrusgarai e o paulista Luis Gê, sem dúvida os principais "construtores" da publicação e seu carro-chefe foram os cartunistas Angeli, Laerte e Glauco, capitaneados pelo editor Toninho Mendes, espécie de *factotum* que até hoje é o responsável pelas republicações, inclusive das já citadas antologias que servirão como base para o presente trabalho.

O cartunista Angeli sempre esteve à frente da revista "Chiclete com Banana", podendo se dizer que o mesmo era o "cabeça" da revista. Na apresentação da coletânea de histórias "Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias de Angeli", o artista é apresentado como:

Um ser urbano radical que nasceu na cidade de São Paulo, às margens do rio Tietê, na manhã de 31 de agosto de 56. Deu virgem com ascendente virgem. Metódico, cabeça dura e detalhista, um macaco no horóscopo chinês, que vira lobo depois da meia-noite. Libertário convicto, rollingstoneano assumido e fetichista irrecuperável, tem vivido na contravenção desde 1970 quando publicou seu primeiro desenho na revista "Senhor"; de lá pra cá não parou mais de injetar nanquim na veia e fumar guache branco. Um camaleão com memória de elefante, atravessou o delírio Hippie, raspou na militância política, berrou com o punk rock, casou-se duas vezes, tem dois filhos, trabalhou na imprensa underground, fixou residência nos grandes jornais, transitou pelas revistas pornográficas, pelas literárias e acabou chegando sem grandes escoriações ao ano de 85 quando, junto com a "Circo Editorial", lançou a revista "Chiclete com Banana", botando assim o pé no acelerador do quadrinho nacional, teve alguns casos de polícia, vários amores mal resolvidos e uma infinidade de fantasias não realizadas (ANGELI,1990, p.2).

Abaixo do texto uma foto performática e iconoclasta de Angeli simulando um Harakiri. Sendo que nas fotos da época geralmente o artista se encontrava vestido com indumentárias que remetem à temática punk, como uma calça de couro preta. Boa parte das posturas do artista na época podem ser creditadas justamente à filosofia punk em seu comportamento, inclusive a rejeição à política tradicional.

Na apresentação do primeiro número - de dezesseis fascículos - da antologia "Chiclete com Banana", provavelmente a encargo do citado Toninho Mendes, o título é sintomático da proposta do presente trabalho: "humor também é história" (Antologia Chiclete com Banana, número1-2007, contra-capa). Segundo o texto, foram vendidos mais de três milhões de exemplares da revista ao longo de sua duração, em um total de mais de 2.300 páginas, ainda segundo a fonte. Segundo a sua definição, a revista se caracterizaria por um: "(...) humor corrosivo, cínico, anarquista e transgressor sobre as décadas de 1980 e 1990" (Antologia Chiclete com Banana, número 1-2007, contra-capa).

Em seguida, é feita a devida contextualização do momento histórico, quando é assinalado que:

o número 1 de "Chiclete com Banana" foi às bancas em outubro de 1985, quando entrou em cena a chamada Nova República. Depois de 21 anos de ditadura, os generais trocavam a farda pelo pijama. Cambaleante, o país tentava respirar. Em suas 24 edições, a revista presenciou a volta das eleições diretas, o recuo da sacanagem por causa da aids, a inflação delirante, o movimento punk, o congelamento de preços, o modismo new wave e, por incrível que pareça, quatro moedas circulantes: o cruzado, o cruzado novo, a URV e o real (Antologia Chiclete com Banana, número 1-2007, contra-capá).

Uma das antologias de "Chiclete com Banana" tinha como alvo o público de Portugal, tendo sido impressa em Lisboa. Segundo o editorial do número um desta série a revista teve 24 edições normais e sete números especiais que, ainda segundo o texto, venderam mais de quatro milhões de exemplares em seu período de existência. A ressalva que deve ser feita é o parâmetro para a contagem desta circulação, pois o próprio editorial traz algumas datas imprecisas. As contribuições humorísticas de Angeli e Laerte são apresentadas aos patrícios como "adulto irreverente e corrosivo", com o predomínio da crítica de costumes. O cerne das questões está voltado, portanto, à dimensões pessoais, sendo que mesmo estas possuem a sua dose de política, ainda que em um plano micro do cotidiano como será explorado amiúde no momento oportuno.

### **Uma breve apresentação dos principais colaboradores da revista**

Nascido em 1956 no bairro da Casa Verde, em São Paulo, Arnaldo Angeli Filho não concluiu seus estudos. Na juventude seguiu a orientação punk e trabalhou como "oficce-boy". Com marcante influência do quadrinista norte-americano Robert Crumb, sua temática sempre flertou com o submundo paulistano, das noites em bar e seus tipos esquisitos. Começou a publicar aos 14 anos na extinta revista "Senhor" e passou a colaborar com o jornal "Folha de São Paulo" em 1973, mesmo ano que

criou juntamente com Laerte e Glauco a série de sucesso "Los três amigos". No livro "Caricaturistas Brasileiros", Angeli foi apontado pelo autor como "talvez o artista mais completo de uma geração brilhante de caricaturistas ativos em São Paulo" (Lago, 1999, p.204).

Já Laerte Coutinho, o mais velho da trupe, nasceu em 1951, também em São Paulo. cursou a Escola de Comunicações culturais da USP, com ingresso em 1969. Mesmo não tendo se formado, a experiência universitária foi decisiva, pois ali iniciou suas publicações, conjuntamente com Luis Gê, que viria a colaborar de forma bissexta na "Chiclete com Banana" e com o qual Laerte fundaria a revista "Circo". Contribuiu para o movimento sindical, criando personagens emblemáticos da classe trabalhadora do ABC paulista, tal como o boneco João Ferrador, que tinha por bordão um clássico "hoje num tô bom".<sup>3</sup> Publica há algumas décadas no jornal "Folha de São Paulo", onde desenvolveu sua série de maior sucesso, "Os Piratas do tietê", que se transformou em revista de expressão na década de 90.

De todos, o humor de Laerte na revista *Chiclete com Banana* era o mais lírico, beirando por vezes o *nonsense*. Como exemplo de tal conduta, pode ser citada a história denominada "Fernando Pessoa encontra os Piratas do tietê". O cartunista abordava as questões de maneira mais sutil, tendo o traço mais técnico e aprimorado como um de seus maiores trunfos. A sutileza de Laerte era inclusive ironizada pelos outros personagens da série *Los 3 amigos*. A conduta sexual do personagem Laérton dava indícios inclusive da bissexualidade que seria assumida anos depois em entrevista à revista Caros Amigos do ano de 2004, que tinha como chamada "Em entrevista risonha e franca, Laerte solta a franga".

No quesito gráfico, suas obras podem ser consideradas mais limpas e com ricos cenários detalhados. O desenhista dialoga com o mundo fantástico, como em uma hq (história em quadrinhos) em que um jovem contracena com diversas fadas ao longo de uma noite. Ao contrário de Angeli, não tinha um humor pé na porta e ácido, como o do colega.

---

<sup>3</sup> A figura de João Ferrador ganhou bastante fama estampando camisetas que eram utilizadas pelo então sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, que veio a se tornar presidente da república em 2003.

Glauco Villas Boas, nascido em 1957 no município de Jandaia do Sul, Paraná, ganhou diversos prêmios em salões de humor na década de 70. Merece destaque suas contribuições para o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, principal evento da área, onde ano após ano Glauco fazia “dobradinhas” com Laerte na seção de vencedores. Chegou a ilustrar o cartaz da competição de 1979, com um cartum onde um passarinho olhava desconfiado na porta aberta da gaiola. No início seu humor era menos escrachado e convidava mais a reflexão. Com o passar dos anos, foi soltando a sua verve e partiu para o desenho de humor erótico, tendo no personagem Geraldão sua cria de maior sucesso, que também foi transformado em revista de êxito editorial.

### **Os antecedentes dos principais artistas**

Os artistas em tela tiveram como uma das principais influências o cartunista Henfil, chegando a morar na casa do mesmo em São Paulo. Angeli colaborava com a Oboré, uma cooperativa do campo da comunicação social alternativa, para publicações sindicais. As contribuições se davam de maneira voluntária, sem qualquer tipo de remuneração. Por diversas vezes a trinca Henfil, Laerte e Angeli desenhava quadrinhos em conjunto para a luta dos trabalhadores:

Acontecia de um só cartum ter pincelada de vários autores. Angeli, que tinha o traço mais pesado, desenhava o patrão; Henfil imprimia leveza ao movimento das multidões; e Laerte compunha o cenário ou repartia com Henfil os operários. Isso tudo era gratificante para nós que ainda tínhamos o desenho formatado. Henfil dava toques precisos, orientava (MORAES, 1996, p. 292).

Os cartunistas Glauco, Laerte, Angeli e Nilson moravam no apartamento de Henfil, situado na rua Itacolomi, em São Paulo. A casa foi definida por Dênis de Moraes como uma “usina de criatividade” (*Idem, ibid*, 303). A relação de Angeli com Henfil, porém vinha de tempos mais longínquos, quando o desenhista paulista viajou até o Rio de Janeiro para mostrar alguns de seus cartuns na redação do semanário “O Pasquim”. Foi bem recebido por Henfil, que o dedicou atenção e a recomendação de publicação no jornal, o que de fato aconteceu.



Interessante notar que dos quatro cartunistas que co-habitaram a "república" comandada por Henfil, apenas o mineiro Nilson permanece colaborando com a imprensa sindical até os dias de hoje.<sup>4</sup>

Glauco e Angeli publicavam suas tiras no jornal "Folha de São Paulo", enquanto Laerte trabalhava para a "Gazeta Mercantil" e militava no PCB (Partido Comunista Brasileiro) nas horas vagas.

Desentendimentos pessoais acabaram por afastar Angeli e Henfil no final dos anos 70. Em termos políticos, a querela se deu pelo fato do primeiro defender a posição dos tropicalistas de negociação com a Ditadura e um discurso mais amansado, enquanto Henfil alimentava uma briga aberta com os expoentes daquele movimento, principalmente a figura de Caetano Veloso. Sobre as rusgas, o curta-metragem "Cartas da Mãe" traz uma boa dimensão da questão através de um depoimento de Angeli.

Outra boa coordenada para a exata compreensão da briga que separou cria e a rebelde criatura encontra-se mais uma vez em Dênis de Moraes:

Os dois colidiram na esfera do humor. Com a abertura, o cartum de Angeli enveredou pela crítica de comportamento - tendência que se tornaria hegemônica nos quadrinhos dos anos 80. Henfil discordou dessa guinada, chegando a escrever no 'Pasquim' a famosa frase: 'esse tipo de humor serve à direita (MORAES, 1996, p. 345).

Depois do desentendimento com Henfil é visível a mudança de rumos na produção dos desenhistas. O conteúdo do humor passará a ser mais pessoal e menos voltado para as grandes estruturas. Tal movimentação será melhor descrita no item a seguir.

---

<sup>4</sup> A respeito da trajetória do cartunista Nilson, cf. o artigo "Desventuras no convés", de Márcio Malta, publicado no número 86 da Revista de História da Biblioteca Nacional.

## **Micro-política e esgotamento das energias utópicas: a migração para o desenho de costumes**

O sentimento de incerteza dava a tônica na produção da publicação. O Brasil estava fazendo um voo para outro momento político, mas o cenário era de insegurança. Seja pela conjuntura econômica, ou pela mudança dos costumes, a revista reflete o momento de catarse e fim das utopias ensejado pela década de 80. Tal leque de acontecimentos influenciará e muito a produção dos cartunistas em tela.

Na arena política, os atores fundamentais em questão eram os partidos e os movimentos sociais. A luta que se travava era qual o setor conseguiria ditar os rumos da constituinte. Por um lado, um setor mais progressista e de outro grupos mais conservadores que tentavam frear a todo custo a agenda de mudanças que o Brasil há tanto necessitava. Apenas a título de exemplo, podem ser citados a questão da reforma agrária e o modelo de gestão da educação pública a ser adotado na nova Constituição que se desenhava.

No plano da sociedade civil de forma mais ampla, o que se assiste é o desenho de uma nova cultura política, onde atores não tradicionais e por fora do Estado conseguem impor as suas concepções de mundo. Nesse sentido podem ser citados o campo da música de massa, como o caso do *rock n' roll* brasileiro, que com a explosão de novas bandas ganhou força na década analisada, assim como o exemplo mais óbvio dos desenhistas de humor aqui estudados, que conseguiam através da comunicação de massa formar consciências sintonizadas com as suas formas de pensar e agir.

Cumpre destacar também que muitas das vezes os dois planos acima mencionados, do *rock n' roll* e dos quadrinistas, irão se entrecruzar. Como será visto, alguns dos personagens da “Chiclete” são representados a partir da identidade roqueira dos jovens urbanos, como no caso do Bob Cuspe e da tiete RitaPop.

A juventude da geração dos anos 80 possuía uma nova maneira de enxergar o mundo, o que muitas vezes acabou por servir como o motivo para as faíscas com os mais velhos, afinal eram formas de interpretação da vida radicalmente diferentes da de seus pais, por exemplo. O consumo, ou a tentativa de, diante da crise que irá

abater o país, sem dúvida foi um dos elos mais fortes da expressão juvenil. Não só no Brasil, como no mundo.

Em “A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural”, de 1989, o geógrafo David Harvey aponta para uma série de mudanças ocorrida no período ensejado:

Se houve alguma transformação na economia política do capitalismo do final do século XX, cabe-nos estabelecer quão profunda e fundamental pode ter sido a mudança. São abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado, etc. (HARVEY, 2008, 117).

O transcorrer da mudança estava em processo não só de uma maneira mais estrutural, internacional, mas alguns acontecimentos brasileiros da época podem ser resgatados por serem significativos, como por exemplo a preponderância do debate econômico, que envolvia termos como inflação, dívida externa e moratória. O peso dos planos econômicos e as infundáveis variedades de “cruzados” engendrados nos anos seguintes, durante o governo do presidente da república José Sarney, irão influenciar os rumos da vida de milhões de pessoas. Por algumas vezes figuras como Paulo Maluf, que fora, dentre outros cargos, governador de São Paulo e o próprio Sarney irão estrelar algumas das peças de humor produzidas por Angeli e sendo retratados até mesmo em capas da revista “Chiclete com Banana”.

O que estava em questão é a compreensão de que os problemas vivenciados em um cenário onde os militares estavam no poder, e a agenda da esfera pública em um ambiente democrático – mesmo que muitas das vezes personalidades e problemas sejam os mesmos – são necessariamente diversos.

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, definiu com precisão o momento político:

O fim da forma de dominação autoritária, chamada agora de Velha República, abriu caminho para uma nova fase de dominação política liberal, a Nova República. Esse foi o caminho brasileiro de transição política da “ditadura” para uma proposta de regime

Liberal-Democrático. A Nova República, no entanto, celebrou seus primeiros passos sepultando seu ator principal, Tancredo Neves. O vice-presidente da Nova República representaria a continuidade da Velha e teria de encarnar agora toda a esperança democrática dentro dos limites de uma aliança liberal que nasceu órfã (SOUZA, 2012, p. 39).

Outro autor que também descreveu o período foi Florestan Fernandes, subindo um tom nas críticas, como era de seu perfil, o sociólogo assim definiu o momento:

A situação de fato, que se criou por iniciativa do governo Sarney, endossada por deputados e senadores pouco atentos ao caráter representativo de sua relação com o corpo de cidadão, exige agora que se pense em como atenuar os efeitos desastrosos de mais essa conciliação (e traição) pelo alto. Em si mesma, a iniciativa traduz as obrigações e os objetivos do pacto conservador, que levou ao Colégio Eleitoral, à eleição de Tancredo Neves e à ascensão à Presidência do grão-vizir civil da ditadura. (...) o Congresso está firmemente empenhado nessa forma de transição e, portanto, na desmobilização do Povo na construção da democracia (FERNANDES, 2007, p. 62).

Como afirmou Florestan, o que se assistiu foi um esvaziamento das ruas e uma nova pauta de contornos mais individuais e liberais passou a engendrar o debate principal na sociedade. Entraram em cena as reivindicações de caráter menos classista laboral e uma série de temas antes não trabalhados – ou no máximo relegados a um segundo plano – como a luta por uma preservação do meio ambiente, o debate sobre o gênero e a sexualidade, assim como outras formas de resistência que não passavam necessariamente pelos mecanismos tradicionais, como os partidos políticos, sindicatos, ou associações, passaram a ter uma força motriz na sociedade civil.

O desbunde, ou seja, o abandono de perspectivas de transformação e a estratégia de erigir a dúvida como categoria suprema são elementos que podem ser

vislumbrados no já aludido editorial da revista “Chiclete com Banana” número um e servem como um sintoma da época.

A dificuldade de análise é assim dificultada, pois afinal não são apenas atores coletivos, mas uma gama enorme e difusa de indivíduos que com a sua produção conseguem atingir um número expressivo de pessoas. A revista “Chiclete com Banana” pode ser enxergada como cumprindo um papel de vanguarda na formação de mentalidades.

Segundo Lukács no livro “Arte e Sociedade”, existiria uma “unidade dialética” que resumiria a tensão ente sociedade e indivíduo. De acordo com o autor “(...) a atividade humana forma a sociedade e o movimento objetivo da sociedade só se efetiva mediante os indivíduos” (LUKÁCS, 2011, p. 36).

Outro autor que aponta para o arco de articulações que compõe a relação entre indivíduo e sociedade é Norbert Elias, que no ensaio “A Sociedade dos Indivíduos” apontou para a forte associação entre a noção de pessoa e de sociedade: “A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 2009, p. 45).

Um tema central para se compreender o escopo da revista “Chiclete com Banana” e a sua importância é a análise da categoria humor. Nesse tocante, um conjunto de autores que se debruçaram sobre o tema será arrolado a seguir, visando jogar luz sobre este ponto.

Gilles Deleuze em “Lógica do Sentido” apresenta o humor como uma “estranha inspiração, é preciso saber descer” (DELEUZE, 2009, p. 138). Os quadrinhos de “Chiclete com Banana”, fazem esse movimento de descida, em oposição à ascensão que Platão propunha e foi debatida na produção em tela de Deleuze. Tal movimento deveria ir “até ao fundo dos corpos” (DELEUZE, 2009, p. 138). Afinal, como assevera o filósofo o humor seria “o absurdo como sem-significação” (DELEUZE, 2009, p.1 38). Uma espécie de “trituração e destruição” (DELEUZE, 2009, p. 138) em suas palavras.

A falta de seriedade, uma das marcas de “Chiclete com Banana”, seria um dos principais elementos do humor. Luiz Guilherme Sodr e Teixeira apreendeu o fenômeno ao definir o humor como “Desse traço de humor – discursos sem razão

que expressam verdades desprovidas de seriedade – começa, propriamente, seu universo de apropriação crítica e humorística do sujeito, do real e da relação que mantêm entre si” (TEIXEIRA, 2005, p. 24).

Os tipos criados na revista “Chiclete com Banana” são alternativos, fazem parte de um submundo. O humor se dá justamente pela inversão. Ao observamos uma miríade de personagens que rastejam por bares sujos, se colocam contra o sistema, se dá um processo de inversão, onde o riso é produzido justamente pela lógica contrária do cotidiano vestuto dos figurões da política, entrando em cena figuras como um punk, ou um militante subversivo. Como afirmou Bergson em sua obra “O riso: ensaio sobre a significação do cômico”, o humor é construído da alteração de papéis: “Assim é que nos rimos do acusado que dá lição de moral ao juiz, da criança que pretende ensinar aos pais, enfim, do que acabamos de classificar como ‘mundo às avessas’” (BERGSON, 1980, p. 53).

O que Bergson denomina como inversão, Paulo Ramos ao analisar tiras cômicas – gênero muito comum na publicação “Chiclete com Banana” – caracteriza como quebra de expectativa, o que também é responsabilizado pelo pesquisador como o elemento responsável por gerar o humor. Nos dizeres do professor da Universidade Federal de São Paulo: “O humor, manifestado na ironia, seria outra característica das tiras. O gênero teria na quebra de expectativa uma de suas regularidades” (RAMOS, 2011, p. 128).

Um importante componente do riso é trabalhado por Walter Benjamin, a possibilidade de proporcionar a reflexão. Nos dizeres do filósofo: “Diga-se, apenas de passagem, que não há melhor ponto de partida para a reflexão do que o riso” (BENJAMIN, 2017, p. 103).

A conclusão acima apresentada por Benjamin em seu texto “O autor como produtor” demonstra como no capitalismo muitas das vezes o artista se vê limitado pelo fato de ter que vender sua força de trabalho a um proprietário de um determinado órgão de imprensa. No caso da revista *Chiclete com Banana* tal figura inexistia, sendo o empresário principal o próprio cartunista Angeli, o que conferia à publicação alto grau de autonomia e liberdade, proporcionando o riso frouxo e livre de amarras desse tipo.

Os nomes dos personagens que desfilam pela revista denotam a perspectiva centrada no sujeito, pois figuras denominadas como, por exemplo "Orgasmo, um sujeito precoce", ou mesmo a ninfomaníaca doutora "Mara-Tara", ambas criações de Angeli, demonstram o espaço que o corpo e o sexo ocupam nas páginas em questão. Laerte também não fica aquém, mesmo em um tipo de humor mais comportado e seu casal de gatos com uma historinha intitulada o "Acasalamento felino".

O indivíduo ocupa espaço de destaque em nomes como por exemplo, "Alter-ego", um sujeito cheio de si e orgulho que necessita a todo o tempo de autorreferências. O conjunto de referências pessoais foi captado por João Elias Nery, que define a construção das narrativas pessoais como uma reação às mudanças em curso na sociedade:

As histórias, as personagens, os cenários apresentados em Chiclete com Banana fazem parte de uma visão particular de mundo, que, na realidade, representa uma crônica visual daquilo que os autores sentiam e internalizavam. Além disso, as personagens podem nos mostrar outros indicadores das transformações e, principalmente, das reações provocadas por tais transformações (NERY, 2006, p.119).

Nery salienta que a produção dos quadrinhos brasileiros nos anos 80 foi muito influenciada por quadrinistas estrangeiros, notadamente estadunidenses. Sai de cena portanto a verve de resistência à ditadura e entra em voga uma gama de personagens ambientadas em cidades grandes, ambientadas com fundo e temática universais ambientado:

Na década de 1970 produziu-se predominante humor de resistência e enfrentamento ao Estado autoritário. Na década de 1980, a produção dos profissionais brasileiros é fortemente influenciada por autores e movimentos norte-americanos e europeus, como reflexo da transnacionalização da cultura. Surgem então personagens universalizantes, típicos de grandes metrópoles, vivenciando problemas comuns a segmentos de populações dessas metrópoles e não necessariamente deste ou daquele país (NERY, 2006, p.82).

Em muitas personagens um cenário comum é o de desbunde, como na dupla hippie perdida no tempo e no espaço, Wood e Stock, que foi convertida em filme em 2006 pelas mãos do diretor Otto Guerra. Meia-oito, por mais que resista e seja um militante também soa como anacrônico, algo "debacle" e ultrapassado. A filosofia que mais representa o autor Angeli talvez seja a de Bob Cuspe e seu anarquismo. Uma espécie de autocrítica do cartunista.

O pensador Juergen Habermas, em texto de 1987 intitulado "A nova intransparência" a uma perplexidade dentre os intelectuais e políticos, demonstrando que a expectativa de uma vida melhor havia sido abalada, ou o que o mesmo designa como um "influxo de energias utópicas" (HABERMAS, 1987, p. 104), como o símbolo do espírito da época. Ou seja, as energias utópicas teriam se esgotado, estando arrefecidos os ânimos da sociedade. O pessimismo foi a tônica a partir do final da década de 70. O conceito de intelectuais de Habermas pode ser estendido aos cartunistas em questão, pois como afirmou em certa feita o pesquisador Herman Lima, os desenhistas de humor seriam intelectuais ao seu modo. Desta forma, a tal propalada crise das energias em um futuro melhor também se encontrava abalada no seio dessa categoria. Não por acaso é no mesmo cenário, contexto histórico, que a duração da revista "Chiclete com Banana" está inscrita.

Ainda segundo Habermas, a utopia de uma sociedade do trabalho haveria supostamente perdido a sua força persuasiva, o convencimento dos atores sociais. Isso posto, os tempos de comprometimento político haviam ficado para trás, dando lugar, no caso dos "três amigos", ao humor de costumes.

O mesmo movimento de abandono do exclusivismo das bandeiras trabalhistas foi identificado por Stuart Hall em seu "A Identidade Cultural na Pós-Modernidade". Segundo o teórico, poderia ser percebida uma "erosão da identidade mestra da classe" (HALL, 1999).

O engajamento foi substituído pela postura mais descontrainda, ou até mesmo distraída, para usar a terminologia de alguns autores que analisam o "pós-modernismo".



Outro autor que também auxilia na compreensão da nova postura assistida por parte dos cartunistas em tela, é o geógrafo norte-americano David Harvey e a sua já clássica obra "A condição pós-moderna". O ano de publicação da obra, 1989, também assinala o mesmo marco temporal da "Chiclete com Banana".

Harvey apresenta o questionamento dos sistemas de representação como um sintoma da globalização. Uma correlação interessante com o objeto do presente trabalho pode ser apontada: o personagem punk Bob Cuspe, por exemplo, nada mais é do que a importação de um elemento cultural. O movimento punk, apesar de ter esticado seus tentáculos e fincado raízes no Brasil é uma reação da juventude inglesa aos tempos neoliberais da primeira-ministra recém-falecida Margaret Thatcher. Ou seja, mesmo com uma "cor local" da cena paulista, Bob seria fruto de uma homogeneização cultural de caráter global. O divertido punk possui uma identidade forjada a partir de um modelo exterior.

Longe de se constituir como uma publicação de inspiração transformadora, "Chiclete com Banana" é apontada pelo estudioso das histórias em quadrinhos Waldomiro Vergueiro como propagadora de mensagens alienadas e não incentivadoras de uma *práxis* contestatória:

a mensagem veiculada pelos personagens da revista como essencialmente pessimista em relação à mudança dos valores dominantes na sociedade, promovendo a alienação em vez de engajamento, a catarse em vez de ação transformadora, o imobilismo em vez da proposição de uma nova estrutura social (VERGUEIRO, 2003, p. 257).

De maneira sintética, o humor exibido na revista "Chiclete com Banana" pode ser interpretado como escatológico, com laivos machistas, uma inclinada tendência ao anarquismo - em especial por parte de Angeli - e um niilismo acerca das oportunidades abertas pelo cenário em questão.

### **O conservadorismo de Angeli através de seus personagens: algumas questões de gênero e classe**

O caderno "Ilustrada" do jornal "Folha de São Paulo" de 21 de dezembro de 1987 trouxe uma matéria onde se lia em letras garrafais "Angeli mata Rê Bordosa".

Segundo o início da reportagem foi um “crime premeditado à tinta fria, com requintes de sadismo” (ANGELI, 2012, p. 190).

De acordo com Angeli a sua atitude foi na verdade um ato de resistência e salvaguarda à comercialização da personagem. Sustentou que caso tivesse cedido às investidas do mercado publicitário, sua boneca “junkie” teria se transformado em um Snoopy, ou Turma da Mônica, exemplos que se destacam no uso extrapolado do licenciamento de produtos.

Nos anos 2000, Angeli reincidiu no tipo de crime e pôs fim ao personagem Meia-oito, que teve o destino trágico de ser atropelado por um caminhão da marca de refrigerante “Coca-cola”, produto tão combatido nas searas da esquerda.

Atitude semelhante à de Angeli teve o quadrinista norte-americano Robert Crumb, que também exterminou o seu gato Fritz, na tentativa, infrutífera, de breca a realização de um desenho animado. Outro caso que se aproxima de tal postura foi a negativa de Henfil em liberar os seus fradinhos para o uso em produtos licenciados pelo Syndicate onde publicava suas tiras, distribuídas nos Estados Unidos e Canadá.

Porém, cerca de vinte anos depois de atribuir o assassinato de Rê Bordosa a uma recusa de sua mercantilização, em entrevista à produção do curta-metragem animado “Dossiê Rê bordosa”, o cartunista credita sua atitude à personalidade liberal de sua criação. Segundo ele: “Eu não gosto de mulher igual a Rê Bordosa me incomoda. Tenho amigas assim, mas me incomoda” (DOSSIÊ, 2008).

Para além da revista “Chiclete com Banana”, no mesmo ano de lançamento da revista, 1984, Angeli publicou o álbum “Chiclete com Banana – cenas de sexo, drogas e rock’n’roll”. Uma nota avisa que as tiras foram publicadas diariamente nos jornais “Folha de São Paulo” e o hoje extinto “Jornal do Brasil”.

Através das páginas editadas pela “Circo”, em sua série “Traço e riso”, desfilam os seguintes personagens: o frustrado jornalista Benevides Paixão; a dupla de hippies Tudublú e Moçamba; a outra dupla Meia-oito e Nanico, militantes comunistas anacrônicos perdidos em meio ao desbunde geral que foram os anos 80; o anarquista Bob Cuspe, que é apresentado no livro pela música “Inútil”, da banda “Ultraje a Rigor”, aquela canção que grita a plenos pulmões que “a gente não sabemos escolher presidente” e chegou a ser citada pelo senador Ulysses

Guimarães; tem ainda Rita Pop, uma descolada tiete dos ídolos da Tropicália; o músico aficionado pelo rede Globo Ritchi Pareide; o guru picareta Rhalah Rikota e por último, mas não mesmo importante, Bibelô, um machista inveterado, espécie de alter-ego de Angeli, remetendo à sua herança ítalo-brasileira.

Acerca de Bibelô, Angeli o apresenta como “macho paca, o pai dele era assim, o avô também... o bisavô então nem se fala” (ANGELI, 1984, p. 65). O patriarcado levanta a sua voz nessas tiras, onde o personagem se comporta de maneira agressiva com as mulheres, sendo que em uma das tiras flerta com a pedofilia, ao convidar uma criancinha para “ouvir um bozerinho no seu apê” (ANGELI, 1984, p. 70).

Outra apresentação de personagem que também chama a atenção é a do personagem comunista Nanico, onde consta uma ultrajante afirmação de uma “excitante tortura” a qual teria sido submetido. O ano era 1984 e pior momento não poderia existir para tal colocação, afinal de contas o Brasil ainda estava sob a égide da ditadura, lutando pela redemocratização.

Como síntese dos elementos acima expostos, pode-se concluir que, mesmo diante de uma áurea de digressão, alimentada pela rebeldia e aversão ao sistema, em boa medida o cartunista Angeli reproduz elementos conservadores, que se revestem – através da conduta de seus personagens – de uma conduta misógina, de ataque aos direitos das mulheres, para além de uma clara citação pedófila e a postura anticomunista que está evidenciada na abordagem feita dos personagens com essa orientação comunista. Ademais, a referência ao ato da tortura como algo banalizado também é de se destacar.

### **Considerações finais**

Se o humor deve possuir limites é uma discussão que nos acompanha até os dias de hoje. O que se pode advogar é que o “riso pelo riso” não deve justificar atitudes que atentam aos direitos humanos, ou até mesmo ao respaldo de agressões de ordem de gênero.

A revista “Chiclete com banana” foi sem dúvida representante de um momento em que o quadrinho brasileiro foi renovado, ganhando uma boa dose de criatividade com os novos ares da redemocratização. Porém, é de se destacar que a

transição para o humor de comportamento acabou por acarretar um deslocamento de energias para questões de fundo pessoal, esvaziando o componente da disputa política por uma nova consciência crítica, papel esse que os cartunistas da geração anterior faziam.

Longe de penalizar os artistas em questão, até mesmo porque por vezes os mesmos atores sociais, em especial Laerte, tiveram uma guinada positiva em prol exatamente na defesa dos direitos civis e sociais, mesmo mantendo uma “embocadura” pessoal, o artista soube conciliar uma militância cidadã ativa e de ampla repercussão.

Devido à opção metodológica, o trabalho não percorreu o desdobramento das carreiras dos artistas, pois o mesmo foge da proposta inicial. Mas pode-se destacar desde já os "caminhos" percorridos pelos principais artistas da publicação: o cartunista Glauco aderiu à religião do Santo Daime e foi assassinado, juntamente com seu filho Raoni, por um dos fiéis no ano de 2010. Laerte, por sua vez, logo após a morte de Glauco e de um de seus filhos em acidente automobilístico, passou a produzir um trabalho independente de humor e mais reflexivo, até adotar o que designou como "crossdresser" no ano de 2010 e desde então vem ganhando papel de destaque ao se assumir como travesti, sendo cada vez mais destacado e ganhando ampla repercussão por suas posições; por último, Angeli, justamente talvez por sua personalidade mais reservada, o que ele credita inclusive ao signo de virgem, não fez grande rupturas em sua forma de humor, mas mantém sólido número de publicações de sua produção, sendo também alvo de exposições e de filmes que cobrem a sua produção. O caderno "Ilustrada" do jornal "Folha de São Paul"o foi e continua sendo a principal vitrine de divulgação dos trabalhos do time de artistas.

A revista "Chiclete com Banana" se constituiu como uma das principais publicações de humor da segunda metade da década de oitenta brasileira. Se caracterizou como um espírito da época, demonstrando todo o ceticismo reinante na juventude. Se constituiu como um grito de rebeldia, mas aos olhos de hoje, garantidos pela sensatez que a distância garante, pode ser vista como mais uma peça de conformismo e atitudes que não ensejavam atitude pró-ativas e não pautavam o

engajamento, pelo contrário, incentivavam o imobilismo e uma negação de absolutamente tudo, atitude essa bem comum naquele cenário político e social.

Por último, o que deve ser considerado é o caráter autônomo da arte. Em termos estéticos, ou seja, de técnica, os criadores da revista representaram e ainda hoje representam uma inovação na trajetória das histórias em quadrinhos brasileira, servindo como exemplo para muitos cartunistas, principalmente no que tange ao estilo gráfico.

**Figura 1** - Capa da revista Chiclete com Banana número 1, outubro de 1985.

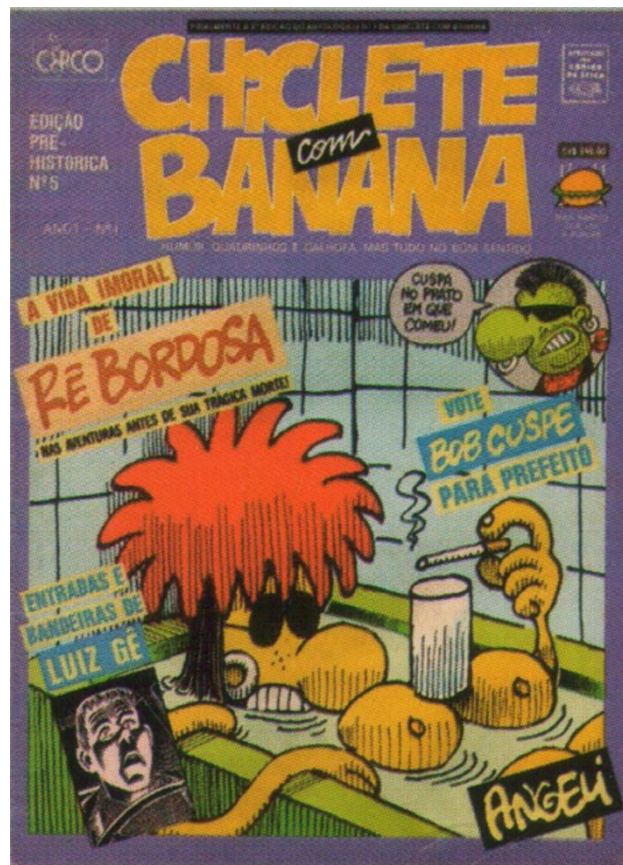


Figura 2 - Capa da edição especial Chiclete com Banana - outubro 1987.



### Referências bibliográficas

Antologia Chiclete com Banana. **Número 1**. São Paulo: Devir Livraria, outubro de 2000.

\_\_\_\_\_. **Número 2**. São Paulo: Devir Livraria, novembro de 2000.

\_\_\_\_\_. **Número 1**. São Paulo: Nova Sampa e Devir, junho de 2007.

ANGELI, Arnaldo. **Chiclete com Banana - cenas de sexo, droga e rock'n'roll**. São Paulo, Circo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias**. São Paulo, Brasiliense/Circo, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Toda Rê Bordosa**. São Paulo: Cia. Das letras, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.
- BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- DELEUZE. **A lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.
- DOSSIÊ Rê Bordosa**. Direção: Cesar Cabral. 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com>, último acesso em 16/09/2013. 16 min.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.
- FERNANDES, Florestan. **Nova República?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Que tipo de república?** São Paulo, Globo, 2007.
- GASKELL, Ivan. "História das imagens". *In*: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. *In*: \_\_\_\_\_. **Culturas políticas: ensaios de história cultural, cultura política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. A Nova Intransparência: a crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos (18)**. São Paulo, CEBRAP, set./1987.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- HARVEY, David. "A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural". São Paulo, Edições Loyola, 2008.
- LAGO, Pedro Corrêa do. **Caricaturistas brasileiros (1836-1999)**. Rio de Janeiro, Sextante, 1999.

LUKÁCS, György. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2011.

MALTA, Marcio. Desventuras no convés. **Revista de História**. Rio de Janeiro, p.80 - 83, 2012.

\_\_\_\_\_ **Diretas Jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das Cartas da Mãe**. Niterói, Muiraquitã, 2012.

NERY, João Elias. **Graúna e Rê Bordosa: o humor gráfico brasileiro de 1970 e 1980**. São Paulo, Edições Pulsar, 2006.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, Zarabatana Books, 2011.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis, Vozes, 2012.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do Humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Alienação e engajamento nos quadrinhos uma leitura possível da revista Chiclete com Banana**. São Paulo, 2003. p. 253-8. *Galáxia*, São Paulo, n. 5, p. 253-8, 2003. Resenha da obra: Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos. Silva, Nadilson Manoel da. São Paulo, Annablume; Fortaleza, Secult, 2002.

Recebido: 16/03/2020  
Aprovado: 05/10/2022